

TRIANGULAÇÕES OBJETAIS; ENLACES FANTASÍSTICOS: AS ARQUITETURAS PERVERSAS DE VÊNUS NOS FLANCOS LITERÁRIOS

OBJECT TRIANGULATIONS; FANTASTIC CONNECTIONS: THE PERVERSE ARCHITECTURES OF VENUS ON THE LITERARY FLANKS

Sílvio Tony Santos de Oliveira¹

Resumo: No século XIX, a sexualidade humana, por meio de seus múltiplos prismas, passa a ser catalogada pelos registros psiquiátricos; os quais atribuíam às práticas sexuais divergentes do intuito da reprodução, o rótulo de patologias neurológicas, que afetavam não apenas o corpo, mas, também, a conduta moral dos seus praticantes como bem nos explana Laqueur (2011). Nesse cenário, as condutas desviantes de *Eros* são concebidas como *per*-versões ou perverter, inverter a lógica da normalidade, transgredindo o campo da considerada sanidade mental. No entanto, com postulações de Sigmund Freud (1856-1939), a sexualidade humana passa a ser vislumbrada a partir de uma plasticidade performática que se imbrica com os limiares das primeiras experiências eróticas vivenciadas no período pueril. Logo, por meio das interlocuções entre Literatura e Psicanálise, propomo-nos a desenvolver uma leitura freudiana da obra *A vênus de quinze anos* (1897), de Algernon Charles Swinburne (1837-1909). No *corpus*, os personagens Archer e Eva Letchford compõem um trio amoroso com Flossie, uma jovem de quinze anos, que passa a comandar, a partir de suas visionices eróticas, as condutas sexuais vivenciadas no relacionamento. Em meio a uma narrativa atrativa tomada pela luxúria e gozo, é possível observamos aspectos que se confrontam com os valores puritanos da época vitoriana, outorgando, assim, à Flossie, uma feminilidade subversiva e transgressora. Alguns questionamentos norteiam nossa pesquisa: quais resquícios da sexualidade infantil reverberam em Flossie e em suas relações objetais na fase adulta? Como Archer e Eva passam a se assujeitar aos deleites sexuais de Flossie?

Palavras-chaves: Literatura; Sexualidade; Psicanálise; Pulsão.

Abstract: *In the 19th century, human sexuality, through its multiple prisms, started to be cataloged by psychiatric records; which attributed to sexual practices divergent from the purpose of reproduction, the label of neurological pathologies, which affected not only the body, but also the moral conduct of its practitioners, as explained by Laqueur (2011). In this scenario, the deviant conducts of Eros are conceived as perversions or perversion, inverting the logic of normality, transgressing the field of considered mental sanity. However, with the postulations of Sigmund Freud (1856-1939), human sexuality begins to be glimpsed from a performative plasticity that overlaps with the thresholds of the first erotic experiences lived in the puerile period. Therefore, through the interlocutions between Literature and Psychoanalysis, we propose to develop a Freudian reading of the work The fifteen-year-old venus (1897), by Algernon Charles Swinburne (1837-1909). In the corpus, the characters Archer and Eva Letchford make up a love trio with Flossie, a fifteen-year-old girl, who starts to command, based on her erotic visions, the sexual behaviors experienced in the relationship. In the midst of an attractive narrative filled with lust and enjoyment, it is possible to observe aspects that clash with the puritan values of the Victorian era, thus granting Flossie a subversive and transgressive femininity. Some questions guide our research: what remnants of childhood sexuality reverberate in Flossie and in her object relations in adulthood? How do Archer and Eva come to be subject to Flossie's sexual delights?*

Keywords: Literature; Sexuality; Psychoanalysis; Impulse.

¹ Doutorando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba. E-mail: silviophoenix@hotmail.com.

Introdução

No decorrer dos séculos, a sexualidade se evidenciou como um aspecto construído, norteado e, principalmente, experienciado de acordo com os valores culturais, sociais e históricos intrínsecos às sociedades e formas de organização. Nesse sentido, desde o contexto das primeiras civilizações do paleolítico – aproximadamente 10.000 a. C. -, consideradas matrísticas, passando pela antiguidade clássica, medievo, desbocando no período oitocentista até os dias atuais, o sexo foi deslocado da atividade biológica/reprodutiva e passou a se configurar como atividade independente capaz de ser dirigida ao prazer e satisfação dos corpos. Na seara das artes, sobretudo nos meandros literários, inúmeras obras se configuraram como a simbolização dupla: expressão sintomática do cerceamento da sexualidade e, de forma mais pujante, como meio de subversão de *Eros* diante dos grilhões comportamentais impostos pela cultura.

Assim, a escrita erótica/pornográfica acentua a refenda entre desejo e repressão; prazer e desprazer, individualidade e coletividade normativa. Destarte, o escopo dessa pesquisa é arquitetar reflexões, por meio da interlocução Literatura e Psicanálise freudiana, acerca dos enlaces eróticos e dos enquadramentos da sexualidade, mimetizados na clássica obra da literatura oitocentista inglesa *A vênus de quinze anos* (1897), de Algernon Charles Swinburne (1837-1909). A nova concepção de sujeito do inconsciente, corpo e *Trieb* (pulsão), em nosso entendimento, norteiam as fantasias sexuais experienciadas pelo trio Flossie, Archer e Eva Letchford. Outras inquietações delimitam essa pesquisa: quais resquícios da sexualidade infantil reverberam em Flossie e em suas relações objetais na fase adulta? Como Archer e Eva passam a se assujeitar aos deleites sexuais de Flossie?

Breves considerações acerca da imersão sócio-histórica da sexualidade

A sexualidade se apresenta como um dos diferenciais entre o humano e as outras espécies de seres vivos: em nosso caso, o ato sexual se efetiva por meio de uma performance corporal, que se distancia da exclusividade da reprodução e conservação do espécime e se amalgama com as instâncias experienciais da busca e vivência do prazer erótico, por intermédio da multiplicidade das formas de satisfação sexual. Não obstante, o caráter sexual, nos enquadramentos da sociedade patriarcal, sempre se mostrou norteado, em maior ou menor intensidade, por valores e normas de comportamento que classificam e catalogam as manifestações de *Eros* na tênue divisa entre o patológico/saudável, normal/anormalidade.

Logo, discorrer sobre sexo implica considerar o contexto histórico e social em que estaríamos inserindo a citada temática. Por volta de 10.000 anos a.C., como bem nos aponta, Regina Navarro Lins em *História do amor Vol. I* (2012), a concepção acerca do sexo, nas culturas matrísticas, da pré-história, era desvinculada da prerrogativa da posse de um indivíduo sobre outro. Todas as mulheres e homens vivenciavam a sexualidade de forma coletiva e a religiosidade atribuía ao feminino a exclusividade de gerar a vida independente do parceiro masculino.

Já no período neolítico, aproximadamente até 4.000 a. C., assevera Lins, o papel masculino na procriação é desnudado e o patriarcado insurge de forma a controlar o corpo feminino como forma de garantir não apenas a manutenção da espécie humana, mas a prole. “Meu filho”: essa expressão condensava o fim da poligamia feminina e outorgava ao homem a prerrogativa de senhorio sobre a sexualidade feminina e os frutos advindos da relação. No contexto da antiguidade clássica helênica, a sexualidade poligâmica se apresenta muito mais próxima do masculino e do mundo dos deuses e menos concedido às mulheres em sua generalidade.

Principalmente em cidades caracterizadas pela proeminência bélica, como Esparta, os corpos das consideradas esposas dos cidadãos, sempre estavam restritos à união monogâmica do *oikos*. A literatura sócio-histórica, como Lessa (2009), relata, inclusive, o uso de objetos fálcos artesanais (dildos) embebidos em óleo de oliva, a fim de satisfazer, solitariamente, as mulheres durante a ausência de seus respectivos maridos. Em culturas do Ocidente Próximo, o adultério era visto como crime mortal e a existência de leis para punir seus praticantes era comum como podemos observar entre os babilônicos e seus códigos de leis de aproximadamente de 2.100 a 1.700 a C.

No contexto medieval, por volta do século V. o contingenciamento do erotismo dos corpos, pela cultura judaico-cristã, mostrou-se ainda mais pujante conforme nos aponta Foucault, em *História da sexualidade Vol. IV*. A igreja católica, por meio do vasto poder fusional junto à medicina e ao Estado, norteava o comportamento sexual dos indivíduos, pautando-se na mácula do pecado original cometido pelos pais originais do Éden e, assim, projetado nos corpos, *in nature* desejantes, os cerceamentos necessários para a não corrupção do espírito pelos prazeres carnis e mundanos. “Não podendo o puro ter contato senão com o puro, se macularmos em nós a pureza do Logos, Deus só pode se afastar de nós. Ele nos abandona então à nossa vida de ‘corrupção’” (FOUCAULT, 2020, p. 63). Ainda mais, a igreja endossava suas teorias cerceadoras a partir de correntes filosóficas como o estoicismo que pregava o caráter abjeto e corruptivo do prazer sexual.

Destarte, a noção de sexo como uma prerrogativa de perpetuação da espécie, sendo apartada da noção de satisfação corpórea, espraia-se pelos séculos seguintes, mesmo considerando os avanços culturais, sociais e filosóficos empreitados pelo Renascimento e Iluminismo. Rousseau, por exemplo, em *O contrato Social* (1762), explicita, de forma contundente, o papel primordial do feminino para a sociedade: esse se pauta na interação moral, comportamental na condução dos modelos/papeis de mãe e esposa. O lar deve ser composto por um feminino arraigado a figura patriarcal do conjugue e constituído de uma índole impecável quanto à possíveis desordens comportamentais. Lequier,² por sua vez, relata-nos as elocubrações teóricas do campo científico, entre os séculos XVII e XIX, sobre as diferenciações anatômicas e fisiológicas dos corpos e suas propensões ao prazer sexual: a mulher fria e úmida era menos propensa ao orgasmo – sendo mais inclinada à maternidade; o homem com o corpo mais quente e seco, apresentava uma moção libidinal mais acentuada e, como entre outros mamíferos, uma essencial voltada ao transbordamento orgástico.

Essas prerrogativas, apresentadas por Lequier, espargiram-se pelo contexto da época vitoriana.: contexto de repressões e pudor excessivo diante das investidas licenciosas de *Eros*, a sexualidade, como meio de reprodução e conservação da espécie, é ratificada. O casamento se consolida, civilmente, religiosamente e socialmente, como o enquadre reconhecido e orientado para as práticas do sexo. No entanto, mesmo diante dos grilhões comportamentais e tabus instituídos, o chamado, por alguns, comportamento libertino não deixou de insurgir na propulsão das satisfações sexuais, que burlavam os cerceamentos: Na Londres oitocentista, era comum a existência de bairros e ruas com estabelecimentos ofertando a homens os serviços de prostitutas oriundas de classes sociais inferiores.

A psiquiatria, por sua vez, ávida por uma normatização das práticas sexuais, catalogava as anormalidades eróticas e suas influências negativas na construção moral, física e psicológica dos sujeitos. A masturbação e a homossexualidade, por exemplo, eram consideradas ações depreciativas da moral e que tinham suas raízes em degenerações psicológicas. Em síntese, cada contexto sócio-histórico arquitetou sua concepção de sexualidade e normalidade a partir da imperatividade de normas e comportamentos e, concomitantemente, *Eros* e suas insurgências buscaram romper os limites comportamentais impostos.

² THOMAS. Laqueur. *Inventando O Sexo - Corpo E Gênero Dos Gregos A Freud* (2001).

Psicanálise e sexualidade

Com o advento da ciência do inconsciente, não apesar as ações humanas passaram a ser concebidas pela descentralização subjetiva imposta pela psique, mas, sobretudo, o conceito de pulsão, proposto por Freud, implica uma outra perspectiva sobre a sexualidade. Em *Psicologia do sexo*, Havelock Ellis já apresenta aproximação com as teorias freudianas das pulsões ao afirmar: “instinto”, e, sem dúvida, como um “instinto de reprodução” que é apenas um eufemismo grosseiro, porque um impulso não é analisado pela simples citação do fim que ele pode atingir indiretamente” (ELLIS, 1933, p. 19). De fato, o uso de *Trieb* (pulsão), proposto na teoria freudiana, desvencilha a sexualidade de seu caráter meramente reprodutivo e genital; diferindo, assim, do instinto visto em outras formas de vida no reino animal; a psicanálise freudiana promulga a existência, desde as fases pueris, da busca perverso-polimorfa pela obtenção imediata da satisfação pulsional.

Nos *Três ensaios sobre a sexualidade* (1905), Freud rompe sumariamente com a perspectiva biológica e fisiológica, outorgada pela ciência de sua época, ao anunciar a plasticidade da pulsão e suas diversas formas de realização no tocante à catexia objetal. Se imperava, na psiquiatria oitocentista, a prerrogativa da superioridade das relações restritas entre o masculino e o feminino, o mestre vienense promulga a bissexualidade como inerente à natureza humana e a desmistificação da homossexualidade vista, pela psiquiatria, como uma degenerescência orgânica do cérebro.

Em *As pulsões e seus destinos* (1914 [2017]), Freud reafirma a sexualidade humana como não possível de delimitações ou formatações em sua essência, ao situar a pulsão entre o psíquico e o somático e ao propor variabilidade do objeto: “é o que há de mais variável na pulsão, não estando originariamente a ela vinculado, sendo apenas a ela atribuído por sua capacidade de tornar possível a satisfação” (FREUD, 1914 [2017], p. 26; 27). Assim sendo, a sexualidade é expandida em seu conceito e em suas latentes manifestações.

O ato sexual, outrora visto apenas pela insurgência da necessidade humana de satisfazer o instinto biológico e contemplar a prerrogativa da conservação da espécie, passa a configurar um cenário fantasístico que amalgama a união genital adulta com as precursoras atividades eróticas pueris. De fato, ampliada a dimensão conceitual sobre a sexualidade, as dimensões do hiato entre o infante e o erotismo é esfacelado. Como bem aponta Freud em *O declínio do complexo de Édipo* (1924 [2019]), as primeiras experiências eróticas das crianças, em relação às figuras parentais, apenas são contidas por se fomentar psiquicamente um escambo simbólico: desiste-se do desejo erótico endogâmico, renuncia-se ao amor direcionado às figuras parentais

por conta da expectativa de se obter um futuro objeto tão desejado quanto os primeiros. Em outras palavras, as relações do sujeito, em sua fase adulta, com outros objetos, são nodadas pelo fantasma inconsciente do erotismo infantil.

Em verdade, a psicanálise freudiana não apenas instaura uma cisão com a ciência cartesiana no que tange a existência e atuação do inconsciente – a conhecida descentralização do sujeito – mas reloca, reorganiza, revisita as definições de patologias direcionadas, pela psiquiatria oitocentista, às práticas sexuais – consideradas abomináveis e oriundas de disfunções orgânicas do sistema nervoso como bem aponta Laqueur (2001). Com efeito, manifestações luxuriosas de *Eros* como o exibicionismo/voyerismo; as práticas onanistas; sadismo/masochismo e outras parafilias são, na verdade, formas subjetivas de busca da satisfação pulsional e que estão presentes, em maior ou menor incidência, nas práticas sexuais dos sujeitos considerados “saudáveis” pelos escritos psiquiátricos, uma vez que essas modulações performáticas emergem já na criança perversa-polimorfa como preconiza Freud nos *Três ensaios sobre a sexualidade* (1905 [2016]) e *Organização genital infantil* (1923 [2019]).

Logo, a sexualidade, para a psicanálise, remonta aos recônditos das primeiras satisfações eróticas pueris e se esparge pelas relações e objetos substitutivos da vida adulta. É, por assim dizer, o sujeito impelido a uma satisfação pulsional para além do instinto reprodutivo sedimentado na preservação biológica da espécie. Na seção seguinte, debruçá-lo-emos sobre as performances libidinosas mimetizadas na obra *A vênus de quinze anos* (1897).

Arranjos fantasísticos de *Eros*: o gozo corpóreo nos recônditos literários

Na trajetória cronológica sócio-histórica da sociedade ocidental, as manifestações eróticas sempre vigoraram; de forma expressa ou latente, a sexualidade burlou as mais diversas e inimagináveis formas de contingenciamento. Podemos tomar como exemplo dessa assertiva o próprio *corpus* literário. *A vênus de quinze anos* é uma obra de extrema luxúria e devassidão para o contexto vitoriano em voga no século XIX; a autoria desconhecida inicialmente, e somente depois, atribuída ao escritor Charles Swinburne, é a prova do poder avassalador dessa obra, em um cenário em que a mulher é tomada pelo simbolismo da maternidade e de seu papel recatado à frente das diretrizes do lar. Aqui, cabe um paralelismo com o texto *As pulsões e seus destinos*: “A meta de uma pulsão é sempre a satisfação [...]” (FREUD, 1915 [2017], p. 25).

Em síntese, o *corpus* engendra uma narrativa extremamente erótica acerca de um triângulo amoroso entre Eva Letchford, Flossie Eversley e o capitão Archer: a primeira passou

a ser a tutora da virgem de quinze anos (Flossie), após essa ser liberada de um internato feminino e ser órfã. Flossie é descrita como uma jovem portadora de um corpo extremamente sedutor e com todas as insígnias de mulher já pronta para as artes do amor. Letchford, por sua vez, é uma mulher madura e já experiente nos itinerários luxuriosos. Essa possui um certo acordo com sua “aluna”: jamais se entregar a qualquer homem sem conhecimento prévio de sua tutora. Por último, temos a narrativa centrada na perspectiva de Archer, um homem de trinta e cinco anos que acaba por se apaixonar arrebatadamente por Flossie, após serem apresentados: “Sim; aos trinta e cinco anos de idade, com a experiência de sobra em cada um dos estágios do amor, sucumbi a essa garota adorável com um rosto infantil que sorria-me acima da feminilidade incipiente dos seios arredondados – e admiti minha derrota!” (SWINBURNE, 2014, p. 16).

Antes de adentrarmos nas reflexões psicanalíticas, é salutar destacarmos o caráter subversivo da obra literária no contexto sócio-histórico em que está inserida. Em uma época nodada pela repressão sexual – seja a prática erótica exacerbada ou atividades pautadas na degenerescência moral e do sistema neurológico (parafilias) – em um contexto de exaltação da instituição do casamento como célula familiar e único contexto de aprovação legalizada (pela igreja e Estado) das práticas sexuais, temos o trio ou *ménage* que questiona as normas comportamentais vigentes. Um homem e uma mulher mais velhos que são envolvidos sexualmente por uma jovem de quinze anos e acabam por se submeter aos prazeres carnis sem restrições ou repressões morais.

Dito isso, debruçá-lo-emos sobre reflexões pautadas na perspectiva sobre o fator sexual promulgada por cada personagem. O primeiro aspecto a ser discutido é o fator da bissexualidade inata ao humano como bem postula a teoria freudiana. Nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), Freud desenvolve um robusto estudo acerca da variabilidade da pulsão sexual no que tange, sobretudo, aos casos dos chamados invertidos. Observa o psicanalista que essas variações do ato sexual não se configuram como uma patologia do desenvolvimento humano e tampouco uma degenerescência neurológica como se promulgava o campo científico de sua época.

Assim, as múltiplas posições do sujeito frente ao objeto – invertidos ocasionalmente, exclusivamente ou a bissexualidade – apenas vetorizam a multiplicidade da busca pelo prazer. *No corpus*, por conseguinte, Flossie, apesar de não ter experienciado o ato sexual da penetração com homens, é eximia apreciadora do prazer sexual homoafetivo. Durante o período em que esteve no internato francês, a jovem mantinha contatos íntimos com suas companheiras.

Inclusive, é iniciada nos artifícios sexuais pela experiência homoafetiva. No trecho seguinte, a personagem relata uma de suas aventuras, enquanto pratica a felação em Archaer:

A última peça de roupa estava caindo ao chão no exato momento em que entrei; pasma, fiquei admirando aquela nudez, perfeita como as linhas de uma estátua. Um desejo irrefreável de tocá-la me consumia e, saltando sobre Ylette, passei as mãos por todo seu corpo nu, até que ela me agarrou pela cintura, arrastou-me até a cama, posicionou-me na beirada e, de joelhos sobre a maciez do tapete, mergulhou a cabeça entre minhas pernas, quando, com os lábios grudados aos outros lábios diante de si, abriu-os com um movimento hábil a boca e inseriu a língua com um golpe certo que enviou ondas de prazer indescritível por todo meu corpo, seguidas por um êxtase ainda maior quando tocou naquele ponto que você conhece tão bem, Jack [...]. (SWINBURNE, 2014, p. 36)

É mister frisarmos os enlaces eróticos mantidos entre Flossie, Eva Letchford e Archer. Durante uma das visitas ao apartamento da jovem anfitriã, Jack Archer é surpreendido pela disposição sedutora de Flossie e suas narrativas eróticas. Diante de uma excitação comprobatória do prazer que sentia ao ouvir as narrativas, o referido personagem é surpreendido pela atuação simultânea: sua Vênus o masturbava concomitantemente a uma introdução dos dedos na genitália de Eva: “Então, ajoelhando-se entre nós, Flossie, sempre muito elegante, introduziu um dedo entre os lábios da boceta de Eva e, com a outra mão, tocou-me de leve uma punheta, o tempo todo fitando-nos com um brilho de amor e doçura indescritíveis no olhar.” (SWINBURNE, 2014, p. 73)

É inegável a consonância do comportamento de Flossie e a teoria freudiana acerca da não determinação do objeto pela pulsão e vice-versa conforme é postulado em *As pulsões e seus destinos* (1914). Por sua vez, a feminilidade, ostentada pela personagem, vai de encontro aos parâmetros comportamentais idealizados pela cultura vitoriana no tocante à figura feminina destituída do prazer sexual. Flossie é atuante, protagonista, por assim dizer, de seu desejo. Ainda em é possível destacarmos a consonância entre o comportamento da personagem e a prerrogativa teórica acerca da bissexualidade inata ao ser humano: “A concepção que resulta desses fatos anatômicos há muito conhecidos é a de uma predisposição originalmente bissexual, que no curso do desenvolvimento se transforma monossexualidade, com alguns resíduos do sexo atrofiado” (FREUD, 1905 [2016], p. 29).

Freud, em textos como *Sexualidade feminina* (1931 [2019]) e *Feminilidade* (1933 [2019]), aponta para a relação objetal dupla estabelecida entre a menina e as figuras parentais

(mãe e pai). ³Em ambos os textos, a menina, por meio do complexo de Édipo e suas idiossincrasias psicosssexuais, forja os caminhos da feminilidade ⁴considerada “normal” ou aceitável socialmente: o abandono da ideia da masturbação clitoriana/posse do pênis (falo) ⁵e aceitação dessa falta como prerrogativa da busca no sexo contrário, pois, como aponta em *Organização genital infantil*, “a vagina agora é considerada o albergue do pênis; ela assume a herança do ventre materno” (FREUD, 1923, p. 242).

Outro fator a ser destacado é o desvio da pulsão sexual de sua meta original. Ora, Freud (1905) apresenta-nos uma correlação entre a sexualidade infantil e a chamada sexualidade adulta. De acordo com o psicanalista, os modos *operandi* das preliminares – beijar, acariciar, exibicionismo, voyerismo etc. – são, comumente, constatados nas práticas sexuais consideradas “normais”, ou seja, com o intuito do ato genital como também nas consideradas ações de desvio da pulsão genital – atividades que se concentram em ofertar prazer em partes distintas da união genital.

A correlação com o erotismo infantil é corroborada ao associarmos tais ações às primeiras ações de autoerotismo da criança - chuchar o dedo ou qualquer outra parte do corpo – ou espelhamos esses comportamentos adultos com a gozo infantil na relação com suas figuras parentais: o desejo de ver e ser visto pelo outro, os toques e carícias que outrora despertaram eroticamente as zonas erógenas pueris. A amamentação, por exemplo, é entendida como a primeira experiência sexual da criança e que denota traços mnêmicos perenes na vida psíquica do sujeito. No *corpus*, é nítida a existência purulenta de cenas sexuais orais. Esse ato é remetido a uma prática comum entre os três personagens. Muito mais até que a união genital. Algo muito harmônico com a perspectiva da compulsão a repetição da pulsão. Não por acaso, foi a primeira forma de vivência erótica homoafetiva, de Flossie, no internato francês. No trecho a seguir, temos a primeira transa entre Archer e a sedutora jovem.

Flossie atirou-se em uma cadeira, com os olhos fechados, com as pernas abertas e o busto arquejante. Uma mistura de perfumes invadiu-me as narinas – metade odor di faemina, metade o perfume de rosas brancas que seus cabelos e roupas recendiam. Atirei-me em cima dela. – Diga-

³ O processo psicosssexual do menino seria abdicar da figura materna sob condição para proteção do falo diante do temor da castração imposta pelo pai. Todavia, salientamos a proeminências de estados passivos na relação do pequeno homem com o pai; algo que poderíamos conceituar como Édipo negativo.

⁴ Os outros dois caminhos seria a conservação da ideia de posse fálica (atividade homoafetiva) e a ojeriza à prática sexual.

⁵ O falo não se resume ao órgão sexual masculino. Para a criança em seus anos iniciais, não existem seres destituídos do pênis. A perda ou a falta desse apêndice implica em uma conclusão de perda de poder, fraqueza, pequenez diante do outro possuidor. Em *organização genital infantil* (1923), Freud relata que a sexualidade infantil não se restringe ao primado do pênis, mas ao primado do falo ratificado pela cultura.

me, Flossie, querida, o que devo fazer primeiro? A breve resposta não tardou um só momento: -beije-me ... entre as pernas! (SWINBURNE, 2014, p. 20)

Flossie é a personificação do feminino múltiplo e ignoto tal como Freud admitiu ao se reportar sobre a sexualidade da mulher com a seguinte indagação: afinal, o que quer uma mulher? Entre as imagens de pureza e sedução, menina e *femme fatale*, a citada personagem submete o desejo sexual de Archer à uma “conciliação” com a promessa feita a sua tutora Eva: entregar-se, em sexo genital, apenas sob a autorização daquela. Em outras palavras, temos um desvio, uma *perverter* (perversão) da pulsão – inicialmente direcionada ao coito – para uma outra zona oral.

Em *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* (1923 [2019]), o narcisismo masculino, frente à fantasia fálica do pênis, é expresso como *in natura* ao desenvolvimento psicosexual, ao ponto de, já nesse período, também constarmos o caráter pervertido da pulsão em suas manifestações onanistas:⁶

Outro elemento dessa pré-história é a atividade masturbatória do genital, a qual, segundo penso, nunca está ausente; é o onanismo da tenra infância, cuja repressão mais ou menos violenta por parte das pessoas que cuidam da criança ativa o complexo de castração. (FREUD, 1923 [2019], p. 263)

Archer, conduzido pela parceira, ocupa uma condição narcísica: possuidor do falo, objeto de poder e de desejo do sexo oposto; tal como o menino, orgulha-se, em sua infância, por ser possuidor do pênis. Em outras palavras, as fantasias do período genital – a onipotência fálica masculina – são inconscientemente revisitadas. Na passagem a seguir, é narrada mais uma cena de ato sexual. Dessa vez, o estímulo é tanto escópico como tácito, Flossie masturba o amante concomitantemente a atividade sexual oral:

Levando o membro ereto até a boca, Flossie usou a língua para tocá-lo com leveza indescritível; então, enquanto abria os lábios, devagar, introduzindo-o pouco a pouco em sua boca ao mesmo que me segurava com firmeza pela base, onde sua mão executava um suave sobe-e-desce. (SWINBURNE, 2014, p. 22)

⁶ No texto freudiano *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos (Pequeno Hanss) (1909)*, podemos vislumbrar a manifestação narcísica masculina no tocante o pênis (falo). O jovem Hans desenvolve uma fobia desencadeada a partir das atividades cerceadoras maternas incidentes sobre a masturbação e a ameaça inconsciente projetada na figura paterna como aquele capaz de imputar-lhe a perda do falo.

Essa recorrência do sexo oral também pode ser vislumbrada como uma atividade substitutiva para o próprio contexto infantil da erotização do seio materno. Nessa equação, o seio pode ser metaforizado/metonimizado (deslocado) para a genitália do objeto amado. Acerca dessa plasticidade intrínseca à sexualidade, reitera Sigmund Freud:

A utilização da boca como órgão sexual é considerada perversão quando os lábios (ou língua) de uma pessoa entram em contato com os genitais de outra, mas não quando as mucosas dos lábios (ou língua) de uma pessoa entram em contato com os genitais da outra, mas não quando as mucosas dos lábios se tocam. Nesta exceção está o vínculo com o normal. Quem abomina as outras práticas – provavelmente comuns desde os primórdios da humanidade – e as vê como perversões, cede a uma clara sensação de nojo, que o impede de aceitar uma meta sexual desse tipo. (FREUD, 1905 [2016], p. 43)

Por ocasião de outra passagem, temos o seguinte depoimento de Archer sobre a amada: “(...) indicando que eu usasse aquela boca deliciosa à vontade como um substituto para a fenda interdita mais abaixo” (SWINBURNE, 2014, p. 75). Em texto célebre da Literatura psicanalítica intitulado *A vida sexual humana (1916)*, o mestre vienense reitera o amplo aspecto do termo sexual; inclusive, defendendo a prerrogativa de abarcar no mencionado conceito não apenas o fator da reprodução e conservação da espécie, pois, assim, os defensores dessa premissa biológica da sexualidade “correrão o perigo de excluir toda uma série de coisas que não objetivam a reprodução e que, no entanto, certamente, são sexuais, como a masturbação ou mesmo o beijar” (FREUD, 1916 [2019], p. 188).

Com efeito, Flossie e Archer se amalgamam sexualmente tendo por intermédio suas construções fantasísticas de tenra infância. Já a terceira personagem, Eva, por sua vez, é uma mulher de meia idade; experiente na arte do sexo, porém reconhece, desde o primeiro encontro, que o fascínio de Jack Archer é pela sua jovem protegida. Vários dos encontros entre os amantes foram arquitetados pela própria Eva. No entanto, nessa tríade configuração libidinal, a tutora ocupa a função do limite ao gozo sexual tanto de Archer como de Flossie: são suas recomendações e “pacto” estabelecido que fomenta o desejo compulsivo e repetitivo da prática sexual oral. Ora, tal como a pulsão se mantém constante no aparelho intrapsíquico e busca – apesar dos interditos culturais, sociais e históricos – a descarga em determinados objetos, no *corpus*, é esse “impedimento” uma das condicionantes motrizes do desejo entre os primeiros amantes. Entretanto, concomitantemente, Eva é alavancada, por Flossie, à condição de objeto fantasístico de gozo.

O trecho seguinte nos evidencia o ato sexual entre as duas personagens femininas. A atividade é presenciada pelo personagem masculino. Sentado à frente das duas mulheres e se

masturbando, Archer é o exemplo clássico dos entrelaces da atividade e passividade da pulsão: atividade pois, através da pulsão escópica (voyeurismo), mantém um grau de excitação; passividade, pois, Flossie apresenta um ganho de prazer ao se colocar como objeto a ser visto (exibicionismo) pelo amante: “a propósito, você não se importaria se eu fizesse uma única exceção a Eva, certo Ela adora que eu passe a língua em seus mamilos até ficarem duros rijos; às vezes também praticamos o *soixant-neuf*.” (SWINBURNE, 2014, p. 49) Em outra passagem, as posições são trocadas: Flossie passa a condição de voyeur e solicita que Archer possua a amiga em toda sua intensidade:

-Agora Jack, você vai possuir Eva enquanto eu fico olhando. Um dia minha hora vai chegar, e quero ver como você proporciona a ela o maior prazer possível. (...) – Imagine que você é Dânae. Pense no enorme caralho de Júpiter! Veja só! – e a seguir ainda mais baixo, mas num tom ainda audível: - Você vai ser fodida, Eva, querida, fodida com vontade! E eu vou assistir a tudo – que delícia! (SWINBURNE, 2014, p. 81)

Ainda com intuito de dar robustez a nossa tese calcada nas imbricações entre as experiências eróticas infantis e os enlaces sexuais estabelecidos entre os partícipes, é mister destacarmos algumas passagens que denotam uma oferta de referência as imagos parentais primevas. O trecho seguinte, Archer compara os toques de Eva em seu pênis aos cuidados desprendidos pela figura materna à criança:

Com movimentos de leveza indescritível, ternos e afetuosos como o da jovem mãe que cuida do filho enfermo, Eva deslizou a mão esquerda por baixo das minhas bolas enquanto esfregava a destra, cheia de luxúria, pelo território adjacente, até que, por fim, aferrou-se em meu caralho, que, como se haveria de esperar, respondeu com sinais de crescente vigor. (SWINBURNE, 2014, p. 59)

A última parte do romance é intitulada “O inquilino toma posse”. De fato, após o consentimento de Eva, Flossie se entrega à prática sexual genital. Os dois, finalmente, consumam o ato da penetração, mas sem prescindir das voluptuosas preliminares. “Com os braços a enlaçar o meu pescoço e as pernas a cingir-me as nádegas, gritou para que eu a fodesse com toda a força. – Meta esse cacete em mim sem parar, Jack! Quero sentir sua barriga contra a minha. Está sentindo os apertões da minha boceta?” (SWINBURNE, 2014, p. 93). Ademais, os prazeres eróticos se estenderam muito antes do ato genital consumado. A sexualidade, em seu mais amplo sentido, foi experienciada já durante as inúmeras atividades polimorfas, com o objeto de desejo, transmutadas do erotismo infantil.

Considerações Finais

O presente *corpus*, sob o viés da psicanálise freudiana, apresentou-se profícuo no tocante a fomentar reflexões acerca das imbricações entre a sexualidade pueril e a chamada sexualidade adulta. Tal como esmiuçou Freud em seus escritos, os traços perversos-polimorfos infantis ressoam, nas práticas sexuais consideradas, pela cultura e tabus, como normais – o sexo voltado para a conservação biológica da espécie - e anormais – pautadas em comportamentos considerados como aberrações ou exímios contextos de depravação moral e adoecimento patológico. Nesse sentido, a obra em estudo, mostra-se transgressora no tocante aos moldes ideológicos vitorianos acerca da sexualidade. As personagens em discussão apresentam resquícios fantasísticos com as primeiras experiências infantis quanto à relação estabelecida com o objeto alvo da catexia e o próprio corpo. Archer, Flossie e Eva apresentam uma espécie de entrelaçamento pulsional, que amalgama os corpos em uma trama subversiva questionadora dos valores fundamentados da monogamia, o sexo desprovido do prazer; atuando assim na contramão por meio da atuação do protagonismo feminino diante do próprio desejo.

Em síntese, a ação de Flossie em protelar a união genital com Archer, evidencia-nos uma certa fixação no estágio oral do desenvolvimento psicosexual, ao passo que a felação e o onanismo encontram conexão com a fantasia de onipotência fálica masculina em Archer e em uma bissexualidade em Eva; além de prover outras formas de obtenção de prazer como os estímulos escópicos, tácitos e exibicionistas. Destarte, conforme nos ensina o posicionamento freudiano, a sexualidade humana é nodada por um leque imensurável e infinito de possibilidades que dialogam com a subjetividade de cada sujeito.

Referências

FOUCAULT, M. *História da sexualidade* Vol. IV: as confissões da carne. Trad. Heliana de Barros Conde Rodrigues, Vera Portocarrero. - 1. ed. - São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FREUD, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Obras completas*, Vol. 6, Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (O caso Dora) e outros textos (1901 – 1905); Trad. Paulo Cesar de Souza; 1ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, S. (1915). *As pulsões e seus destinos*. Trad. Pedro Heliodoro Tavares. 1ed. Obras Incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

FREUD, S. (1916). A vida sexual humana. In: *Amor, sexualidade, feminilidade*; Trad. Maria Rita S. Moraes. – 1ed. Obras incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

FREUD, S. (1923a). Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos (1923) In: *Amor, sexualidade, feminilidade*; Trad. Maria Rita S. Moraes. – 1ed. Obras incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

FREUD, S. (1923b). Amor, sexualidade, feminilidade; In: *Obras incompletas de Sigmund Freud*. Trad. Maria Rita S. Moraes. – 1ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

FREUD, S. (1931). Sobre a sexualidade feminina. In: *Obras incompletas de Sigmund Freud*. Trad. Maria Rita S. Moraes. – 1 ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

FREUD, S. (1933). A feminilidade. In: *Amor, sexualidade, feminilidade*; Trad. Maria Rita S. Moraes. – 1ed. Obras incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

HAVELOCK, E. *Psicologia do Sexo* (1933). Título original: Psychology of Sex. Trad. Dr. Pedro Pôrto Carreiro Ramires. Disponível em: <<http://cabana-on.com/Ler/wp-content/uploads/2017/08/Ellis-Havelock.-Psicologia-do-Sexo.pdf>> Acessado em 13 de nov. de 2022.

LAQUEUR, T. W. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Trad. Vera. Whately. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LESSA, F. S. *O feminino em Atenas*. 1 ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

LINS, R. N. *O livro do amor: do Iluminismo à atualidade*. Vol. I. Rio de Janeiro: Best Seller, 2012.

ROUSSEAU, J-J. *O contrato social (1716)* Trad. Antônio de Pádua Danese. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

SWINBURNE, C. *A vênus de quinze anos*. Trad. Guilherme da Silva Braga. São Paulo: Hedra, 2014.

Submetido em: 4.02.2023

Aceito para publicação em: 5.03.2023